

Redacção e administração
R. de S. Martinho

AVEIRO

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 295

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anúncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

6.º Anno

A PROPOSITO

O tribunal de verificação de poderes julgou e validou, na sexta feira da outra semana, a eleição de Lisboa, que todo o paiz considerou uma verdadeira burla.

Produziram-se durante o julgamento provas iniludíveis d'essa repugnante burla, d'essa famosa pouca vergonha, e pronunciaram-se discursos eloquentes capazes de levar a convicção a um morto. No entanto os juizes, os venerandos juizes, não se deixaram convencer e deram a maroteira como acto legal e são. E a opinião publica, devemos reconhecer-lo, pouco se commoveu com isso.

Este é o facto grave e sobre elle deveriam os homens eminentes do partido republicano concentrar a sua attenção.

Commettem-se contra os republicanos illegalidades sobre illegalidades. Infamias sobre infamias. E' um nunca acabar. Os republicanos protestam, mas a agitação ou a commoção que do protesto deriva não vae além de um pequeno numero, pois que nem chega a attingir a propria maioria democratica do paiz. E a monarchia, portanto, animada com a impunidade, não cessa de commetter affrontas, não já contra os republicanos, sómente, mas contra a liberdade e o direito em qualquer das fórmulas da sua manifestação.

Esta indifferença ha de ter a sua razão de ser. Qual é? Está tudo podre, exclamam os que avaliam as coisas superficialmente. Achamos podridão de mais! E que o motivo não colhe vé-se da circumstancia, já referida, da indifferença attingir os proprios elementos democraticos da nação. Que estão pois, apathicos, scepticos, desalentados, ou como lhe queiram chamar.

Não será a consequencia do caminho errado seguido até hoje pelos dirigentes do partido republicano?

Não affirmamos, nem negamos. Muito serenamente, n'um unico proposito de bem servir, para esse ponto chamamos a attenção d'esses dirigentes, agora que se vae completar, ao que se diz, a reorganisação do partido republicano.

Quando se começou a trabalhar n'essa reorganisação, dissémos aqui: «Não tenham pressa. Esse trabalho deve ser lento, para ser sólido. Se tiverem muita pressa arriscam-se a estragar tudo.» Estará chegado o momento de pôr termo á obra? Não sabemos, nem nos importa. A nossa abstenção, n'esse ponto, é, desde o principio, formal e completa. D'ella não sahiremos, em caso

algun. Mas, esteja ou não esteja chegado o momento de concluir a obra, como, ao que parece, ella se vae concluir, é esta a occasião de pensarem no grave problema a que nos estamos referindo.

Vae n'isso o interesse da democracia e o interesse do paiz. A monarchia não cessa nos seus attentados constantes ao direito, á liberdade, á honra e á economia da nação. Não cessa voluntariamente, é claro. Só afrouxará quando uma força superior se lhe impozer? Qual? Ou a força da revolução, ou a força da opinião.

Para nós, o grande erro dos dirigentes republicanos tem sido appellar exclusivamente para a revolução. Recurso de todos os homens incapazes e de todos os partidos fracos. Appellando exclusivamente para a revolução, foram temidos enquanto a monarchia se não convenceu de que elles não seriam capazes de a fazer. Quando d'isso se convenceu, saltou-lhes em cima, e aconteceu ao partido republicano o que acontece a todos aquelles que appellam para a força em vez de appellarem para o direito. O que acontece a todos os valentões, temidos enquanto ninguém lhes bate, batidos e escarnecidos por toda a gente desde que alguém com facilidade lhes põe a mão.

Se os republicanos teem creado uma grande opinião, teriam creado a maior de todas as forças revolucionarias. E' com a opinião que se faz a revolução. Abandonando a opinião, isto é, os grandes problemas que a podiam interessar, a grande propaganda que a podia fortalecer e alentar, para se lançarem em declamações balofas e em conspiratas romanticas, a maior parte das vezes asnaticas e ridiculas, acharam-se no vacuo, sem estímulo e sem apoio.

Muitas vezes aqui temos escripto esta verdade. Mais uma vez a escrevemos, agora que o attentado do Supremo Tribunal de Justiça veio demonstrar que falta no paiz, e no proprio partido republicano, aquella força de indignação que pôde fazer recuar os sicarios do poder.

A decisão dos venerandos juizes em materia eleitoral, a censura prévia applicada ao Mundo, e outros factos gravissimos, que em paiz algum ficariam impunes e que em Portugal são recebidos com indifferença pelos proprios republicanos, demonstram, mais uma vez, que é forçoso levar á opinião publica o alento de que ella tanto carece. E só o partido republicano, que é para toda a gente, diga-se o que se disser, a unica esperança, pôde crear essa força indispensavel.

A maneira de a crear não é comnosco. Mas, evidentemente, enquanto a imprensa republicana não mudarem processos, e enquanto os dirigentes continuarem na sua mutua adoração, imaginando que os sentimentos do paiz são os dos conventiculos onde arde o fogo perenne d'essa adoração, enquanto continuarem agarrados aos seus despeitos, aos seus odios, ás suas ridiculas vaidades, com honrosas excepções, escusado seria affirmar-lo, enquanto limitarem a sua acção a Lisboa e Porto, não nos parece que o partido republicano adquira a preponderancia e a força que, para salvação da democracia e do paiz, necessitava.

Mas poderá ser que estejamos em erro. Os luminares democraticos resolverão, sem duvida, com muito mais criterio e acerto.

REPUBLICANOS

Publicamos adeante uma carta do nosso correligionario d'Amarante, o sr. Pereira da Silva, que, sem duvida, será lida com interesse por todos os que professam os principios democraticos.

No «Povo de Aveiro» n.º 1:038, de 6 de março de 1904, diziamos nós, apontando alguns dos muitos erros que os republicanos teem commettido:

«A isto, que já seria muito, é preciso juntar ainda a falta de solidariedade, a intolerancia em que os republicanos vivem uns para com outros. Diz se que isso é um vicio das democracias. Talvez. Mas como em Portugal tudo se imita até ao exagero, tambem esse vicio entre nós tomou proporções fóra do commum.

N'esse ponto, o espectáculo, que até hoje nos déram os republicanos, é curiosissimo. Por um lado não toleram que se dirija em publico a menor censura a um republicano bem cotado no partido, por mais que elle affronte os principios. Por outro lado estão sempre promptos a negarem-se mutuo auxilio, e, até, a prejudicarem-se acintosamente. Ser republicano, em vez de um titulo de recommendação para os correligionarios, tornou-se motivo de má vontade, ou, pelo menos, de desconfiança, de rivalidade, de ciúme.»

Dias depois, no n.º 1:040, de 20 do mesmo mez e anno, continuando a tratar o mesmo assumpto, acrescentavamos:

«E' indispensavel—e não cessaremos de o repetir—que os republicanos se auxiliem, se protejam, se estimem uns aos outros. Enquanto se tratarem como lobos, ou como inquisidores, que todos nós temos o quer que é de inquisição, não ha partido possivel, nem admissivel.»

Sendo estas as nossas idéas firmes sobre o auxilio que os republicanos se devem uns aos outros, escusamos de declarar que estamos de pleno accordo com as affirmações do sr. Pereira da Silva.

Esse caso de Espinho—e cumprimos hoje a promessa, que no penultimo numero fizemos, de falar sobre elle,—esse caso de Espinho revolta a consciencia e offende a razão. E' um acto de intolerancia verdadeiramente brutal. Mas, desenganemo-nos, tem a sua origem na falta de altivez e de energia honrada dos republicanos. E n'essa falta de solidariedade de que estamos falando.

Os republicanos teem dado, em todo o paiz, o espectáculo da mais vergonhosa pusillanidade, e da mais indecorosa transigencia com

os pulhas. Só teem tido verdadeira intransigencia, e essa então assumindo aspectos de ferocidade, com os que sabem manter levantados e impolutos os principios.

Ha dias um homem, que foi aberta, rasgadoamente republicano, sendo hoje francaceo, escrevia n'um indecente papel de provincia que no partido regenerador liberal estavam filiaes numerosos individuos com tendencias e convicções republicanas, tendo ido para lá, uns porque entendem que a mudança do regimen no actual momento pôde pôr em perigo a nossa independencia e a integridade do nosso dominio colonial; outros por sympathia pessoal e pela confiança que lhe inspiram os homens mais eminentes do tal partido francaceo.

Nada mais imbecil, como se vê. Se os bandalhos entendem que a republica pôde pôr em perigo a nossa independencia, e a integridade do nosso dominio colonial, porque são e para que são republicanos? São republicanos para impedirem a proclamação da republica?

São republicanos, estando convencidos de que a republica seria a morte da patria?

São pulhas, simplesmente. Mas podiam ser pulhas deixando de ser imbecis.

São republicanos, e, por mera sympathia pessoal, abandonam o partido republicano para servirem a monarchia, e para a servirem dentro do partido monarchico que mais tem offendido a liberdade em Portugal?

São republicanos, e abandonam o partido republicano pela confiança que lhes inspira o homem que mais prejudicou e mais offendeu esse partido?

Pulhas! Mas pulhas imbecis! Mas pulhas insolentes!

De que provém, todavia, essa insolencia? Da falta de dignidade dos outros que ficam no campo republicano. Da sua transigencia facil, da sua acquiescencia accommodatoria, que é uma demonstração flagrante de falta de character. Se esses, que se ficam denominando republicanos, tivessem o preciso amor de si proprios, quando não bastam o amor dos principios para fustigar e repellar os pulhas, não teriam estes os atrevimentos a que nos estamos referindo, nem se atreveriam com tanta ligeireza a dar o espectáculo dissolvente da apostasia e da versatilidade.

A causa principal do vergonhoso espectáculo politico, da insolencia moral da nação, a que vimos assistindo, está na falta de honestidade pessoal dos chamados republicanos. Porque, repetimos, bastaria que elles fossem honestos, pessoalmente honestos, para que não transigissem tão facilmente com os pulhas. Para não transigir com um pulha, nem se confundir com elle nos actos da vida quotidiana, não é preciso ter amor aos principios politicos. Basta ter amor a si proprio. Basta ser um homem digno. Um homem honrado afasta-se naturalmente d'um tratante.

Ora basta olhar alli para a Voz Publica, do Porto, onde collabora assiduamente o Cunha e Costa, basta vêr a maneira porque os apostatas miseraveis, que se bandearam para os francaceos, são tratados pelos seus ex-correligionarios, que todos os dias esperam vê los regressar aos patrios lares, basta attentar em mil outras demonstrações de facil transigencia, para se concluir que falta na maioria dos

republicanos portuguezes essa grande virtude da honestidade pessoal, sem a qual não ha sociedade que valha, e da honestidade politica, sem a qual não ha partido que se imponha.

E porque os republicanos portuguezes não possuem, em regra, essa virtude, é que não existe entre elles a solidariedade, a força moral sufficiente para os tornar respeitadas e fortes.

Talvez que então, se a possuíssem, a tal firma de Espinho se não atrevesse a praticar com o seu empregado a brutal intolerancia que se sabe, e seria certo, se a praticasse, que não deixaria de pagar. Porque n'este caso, os republicanos, que são numerosos no paiz, e com alta influencia no commercio, recorreriam, muito espontanea, e muito naturalmente, ao expediente aconselhado e adoptado pelo sr. Pereira da Silva, como aliás fazem todos os partidos democraticos nos grandes povos cultos. Não comprar systematicamente a um monarchico, pelo simples facto d'elle ser monarchico, seria odiosa intolerancia, e manifesta estupidez, por isso que dava logar a represalias. Mas preferir o republicano ao monarchico é um principio de inatacavel solidariedade, e responder a um acto de intolerancia feroz, como esse que praticou a casa Brandão, Gomes & C.ª, com um cerco em fórna, é um imperioso dever.

Quem escreve estas linhas praticou sempre, ali como em tudo, os principios que está aconselhando. Sempre recommendou em sua casa que se preferissem, para todos os negocios, as casas dos republicanos ás casas dos monarchicos.

Um dia, o Gremio dos Estudos Sociais condemnou o Seculo, como indigno da causa democratica. Embora não faltasse quem censurasse esse procedimento, como pouco politico, nós achámo-lo profundamente honesto, e nunca mais, a não ser muito excepcionalmente, comprámos o Seculo.

Estão esses actos na linha do nosso character, do nosso temperamento e das nossas convicções.

Segue a carta do sr. Pereira da Silva:

Sr. redactor:—Das boas amizades que criei em rapaz relembro-me hoje, na vida de homem breve a entrar nos quarenta annos, d'um espirito intelligente que na minha aprendizagem de pharmaceutico encontrei no Porto. Fomos companheiros, e tão boa impressão deixou no meu espirito esse bello moço que, ao saber-lo filiado no partido republicano, não pude ficar-me no silencio, e escrevi-lhe. E, ao contar-lhe rapida e fugitivamente a lucta que durante annos aqui sustentei, mal imaginava eu que, n'uma localidade aparentemente mais urbana que Amarante, elle tivesse de passar por as forças caindas que só o comodismo de muitos, a ignorancia e estupidez d'outros e a cumplicidade criminosa de quasi todos, são capaz de levantar para a inolação dos nobres caracteres e das consciencias honestas. Não pensei que tu, bom Alberto Delgado, tivesses de sofrer essa provação. Sei que não succumbirás, e, ao abaluares-te a esse commettimento, é de prever que tivesses calculado os contras, que os prós só provêm da nossa consciencia que segue uma trajectoria de molde com a aspiração civica.

Isto de não pactuar com malandros é um pouco duro na vida do ganha-pão. Eu nunca pude mesmo calar-me, remeter-me aquella neutra passividade de indifferente. Eu sei muito bem que bastaria assistir de cadeira, na simples attitude d'um espectador aborrecido que não quer incomodar-se em patear, para que as regalias da vida me proccrassem. Prefiro porrem o umagro pão conquistado pelas sympathias ás minhas rebeldias. Porque não estando ameaçado de morrer á fome, a minha aspiração doutrinnaria nada soffre na sua integridade. Estou assim bem. E orgu-

Ho-mo de, por isso, ser aborrecido por muitos graves conselheiros e ser temido por uma coorte de patifes.

Mas os factos d'Espinho, a recdição aliaz de muitos que se desenrolam por o paiz fóra, suscitaram-me a ideia d'escrever esta carta ao Povo de Aveiro para por intermédio d'elle aconsellar a todos os correligionarios que me lêrem que investiguem sempre das opiniões politicas das casas onde tenham a comprar a coisa mais insignificante. Eu já ha muito venho fazendo isto. Este processo de condueta é indicado por os nossos inimigos, e os republicanos, não se deixando obcecar, tem desprezado a guerra á outrance, que em certas oportunidades, possui toda a valia.

Assim a casa Brandão Gomes & C.^a escusa de pensar em tão cedo vender no mercado d'aqui um frasco das suas drogas. Quem semeia ventos colhe tempestades. E sejamos nós os republicanos solidarios e coherentes que a malta monarchica terá mais decoro no respeito que lhe devem merecer as opiniões de outrem.

Muito desejava, sr. redactor, que desse publicidade a esta e lhe fizesse os commentos que lhe despertar o assumpto.

Agradece o assignante,

Amarante, 25 de março.

J. Pereira da Silva.

GRALHAS

O nosso ultimo numero sahio cheio de vergonhosos erros de revisão. Até, no artigo *Espirito Democratico*, se arranjou uma corça de cavallo dada pela Convenção a um dos heroes da batalha de Jemappes.

Devemos dizer que a Convenção deu ao soldado Berteche mas foi uma corça de cavallo. A de cavallo fica ao criterio dos leitores distribui-la a quem lhe parecer de justiça e a merecer, e não ha grande dificuldade em descobrir quem a merece.

O CONVENTO DAS CARMELITAS

E OS

Reaccionarios d'Aveiro

Na secção *Informações locais*, diziamos no passado numero, em noticia da ultima hora, que uma commissão de individuos, á frente dos quaes se encontra o Lontro, aquelle do celebre milagre da Santa Rosa, commissão de que faz parte o Papa Sellos, o José Serrano e o penitente que foi de gatas atraz do andor do Senhor dos Passos, andava a angariar assignaturas para uma representação a favor da conservação do côro das Carmelitas.

Não se pôde dizer que não andem com atilada providencia. O côro das Carmelitas deve, realmente, ser azado para os exercicios corporaes de tão honrados penitentes. Na tranquillidade, na calma, no silencio d'aquella mansão celestial, a figura beatifica de Santa Rosa de Viterbo deve ter um outro encanto, que não tem na pobre igreja de S. Francisco, para dar, ao Lontro, um desconhecido, embora sofredamente calculado, prazer celestial. Ao pôr do sol, quando a luz, coada pelas altas frestas, põe um tom extranho nas figuras, Santa Rosa, na alvura das suas saias, que respiram o encanto das mãos mimosas de beatas que as vestiram á santa, destacando-se viva, animada, na negrura da sua capa de eleita do Senhor, tendo illuminações humanas no olhar e sorrisos d'amor nos labios humidos, deve, na verdade, ser um poderoso estimulo aos extasis divinos do Lontro, extasis que uma creatura terrena jámais terá gostado, em qualquer circumstancia, com a força ejaculante do amor ás santas, tão proverbial n'aquelle devoto.

E se mudarem a imagem do S. Christovão, symbolo de potencia mascula, para o mesmo sanctuario do Terreiro, aos gosos do Lontro poderão juntar-se os do penitente que foi atraz do andor do Senhor dos Passos, os do José Serrano, e d'outros beatos da localidade, devotos de santos, ao invéz do Lontro, que só tem devoção por santas.

São atilados, os devotos, são providentes, procurando manter mais um sanctuario, mais um refugio, mais um recanto, onde, directa ou indirectamente, d'uma fórmula real ou imaginaria, possam expandir os extasis divinos a que são aitreitos.

Mas os habitantes de Aveiro tambem seriam providentes, dando provas de admiravel e Jouvavel providencia em hygiene physica e moral, se corressem a pau os beatificos marmanjos.

Sim, se os corressem a pau.

Nem os atreimentos reacciona-

rios, que ultimamente se teem manifestado em Aveiro, vão já d'outra maneira.

Peor do que os devotos, que andam á frente, uns, da tal commissão de protesto, que, outros, a incitam encapotadamente, estão, todavia, esses bandalhos politicos que se filiam no grupo dos francaceos, que não tendo, até hoje, produzido o mais insignificante melhoramento material, são, com os devotos, seus apaniguados, a vergonha moral da nossa terra.

Como já dissimos aqui, o convento das Carmelitas não tem merecimento algum, ou seja merecimento artistico, ou seja merecimento architectonico. Nem, sequer, tem o valor da antiguidade, que, aliás, seria um valor mesquinho. Ninguem conserva pardieiros pelo simples facto de serem velhos. Mas nem esse. Como se sabe, o convento é de uma construção relativamente recente. Nem valor historico, que seja um valor moral. O nome e a tradição do convento andam ligados ao nome e á tradição dos duques d'Aveiro, que em coisa alguma honram esta terra, porque foram, geralmente, um bando de patifes, inimigos da patria, e de todos os seus progressos ou aperfeiçoamentos intellectuaes e moraes. Nada deve a patria portugueza, nem Aveiro, a essa odiosa tradição fidalga.

Porque se pretende, então, conservar o côro, ou qualquer outra parte do convento? Por espirito reaccionario, unicamente, e por odiosissimo espirito de facção politica.

Pretendem os canalhas, que outra designação não valem, que em frente do edificio do Terreiro, destinado ás repartições do Estado, se abra, apenas, uma rua com a largura de 14 metros. E' a nota bestial que os estupidissimos tratantes teem posto em todas as obras locais. Em todas! Tudo elles teem pretendido estragar!

Estragaram o quartel, porque foram elles, os que estão agora na colligação reaccionaria formada entre os da Vera-Cruz e os do Carmo, que o estragaram. E contra isso, protestámos nós, vivamente, violentamente.

Pretenderam estragar a estatua de José Estevão, porque foram esses animaes, esses da colligação reaccionaria, esses que pedem agora a conservação do côro das Carmelitas, que, á viva força, quizeram voltar a estatua para a rua da Costeira, o que seria, verdadeiramente, um nojo. Contra isso protestámos, da mesma fórmula, vivamente, violentamente, e, felizmente, vencemos então.

Pretenderam estragar o lyceu, o que em parte ainda conseguiram, porque o lyceu é hoje uma porcaria á vista da obra primitiva, e se o não conseguiram completamente á nossa opposição enérgica se deve.

Estragaram, sempre com o nosso protesto, o largo do Rocio, o largo dos Santos Martyres, o largo de São Sebastião, e estragaram o hospital. E não estragaram o hospital apenas na escolha do local. Estragaram no tambem como obra architectonica, porque aquillo é, verdadeiramente, uma gaiola, que, sob o ponto de vista artistico, nem honra a cidade nem quem o delinheu. Não contentes, ainda agora pretendem estragar a avenida que se projecta, por estúpido espirito reaccionario, e para levantar difficuldades ao unico homem que tem tido envergadura entre nós para rasgados, bem delineados, bem traçados, melhoramentos locais.

Isto é uma infamia e queremos convencer de que todos os aveirenses, com amor á sua terra, clamam bem alto, como nós: «Isto é uma infamia.»

Só um reles sevandija, sem o menor espirito de equidade, sem a mais infima noção de justiça, sem sentimento algum de verdade, pôde negar os relevantes serviços prestados a esta terra pelo sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto. Pôde desconhecer que, velho e doente, elle tem concentrado todos os seus esforços e empregado, com sacrificio

pessoal, o seu tempo e a sua intelligencia em trabalhar pelo bem commum. Negar, ou desconhecer isso, não é fazer politica, é commetter uma infamia. Uma coisa é ser politico, outra coisa é ser quadrilheiro, é ser vil, é ser infame.

Contudo, ha um bando em Aveiro, bando asqueroso, bando repugnante, que não tem feito outra coisa senão levantar-lhe attrictos e crear-lhe difficuldades. Sempre. Desde o principio. Em tudo e por tudo. O mesmo bando que pretende, de novo, atravessar-se-lhe na frente, n'essa questão da Avenida do Terreiro, que representa para Aveiro um melhoramento da mais alta importancia.

Verdadeiros canalhas!

Estamos certos de que não conseguirão o seu intento. De que esse bando nojento será estigmatizado e fulminado pela grande maioria da cidade, que não é, que não pôde ser joguete,—para houira nossa o affirmamos—de reaccionarios como o Papa Sellos, o Lontro, ou o José Serrano, ou de bandidos, e reaccionarios tambem, como o Chiça e companhia.

Não só Aveiro não pôde ser joguete d'esse bando infame como é preciso que lhe mostre, d'uma vez para sempre, que está resolvido a pôr termo enérgico ás suas ignobeis especulações.

Aveiro não é do morgado do Carmo. Nem de ninguem. E' das suas tradições, que são honradas, e do seu ideal, que é um ideal de progresso e de aperfeiçoamento.

Na questão do Convento das Carmelitas não ha apesar, repetimos, senão a vontade do morgado do Carmo, do marechal de Liliput, do Papa Sellos, do Lontro, e quejandos. O convento não presta para nada. O côro não tem merecimento nenhum. Poupar o côro, para fazer em frente do edificio do Terreiro uma rua ridicula, seria um nojo. Seria perder a mais bella occasião de dotar Aveiro com um melhoramento de primeira ordem. Mas o morgado do Carmo não quer que se toque no convento. E não quer porque é reaccionario, e porque é inimigo do sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto. O marechal de Liliput, pelo mesmo motivo, não quer tambem. Pelo mesmo motivo, o Papa Sellos não quer, e não quer o Lontro, e não quer o penitente que foi de gatas atraz do andor do Senhor dos Passos. A degradação d'Aveiro é tamanha que já homens d'esta natureza ousam abrir o bico para lhe dar leis.

Pôde isto continuar?

Não, isto ha de acabar, para honra de nós todos. Quando não acabar a bem, acaba a mal.

Quando não acabar com palavras, acaba a pau.

Acaba á cacetada e á pedrada.

Assim é preciso.

A's ordens do Lontro!

A's ordens de Papa Sellos!

A's ordens do proprio marechal de Liliput!

Por maior que te imagines, Domingos, ainda és muito pequenino para isso.

Põe muletas, Domingos, e passa, de muletas, sem ires á ponte, o caes para o outro lado.

Depois, poderá ser. Até lá, não.

Pôdes bufar, assoprar, cacarejar, cantar de gallo, falar grosso, que o povo d'esta terra, que te conhece de gingeira, responder-te-ha sempre:

Cresce, e apparece.

Nasceste pequenino, Domingos, pequenino has-de morrer.

Cresce e apparece!

Feitos quasi de graça só na

Officina de alfaiate

DO

ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO

RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

27 de março.—Morre Edgar Quinet, 1875.

Edgar Quinet, philosopho, poeta, historiador, politico militante, foi um dos mais bellos productos da democracia no seculo passado. Admiravel espirito! Grande talento e grande coração!

Filho d'um commissario de guerra do exercito francez passou os primeiros annos da sua vida no meio das tropas. Em 1817 entrou no lyceu de Lyon, onde fez os preparatorios para a escola polytechnica, vindo por fim a frequentar o curso de direito.

Em 1827 dirigiu-se á Allemanha, onde se dedicou a estudos profundos relacionando-se com alguns dos mais celebres escriptores allemães. Ali teve occasião de avaliar o odio profundo que se ia formando contra a França, iniciado na Prussia, e escreveu a sua notavel brochura *L'Allemagne et la Révolution*, em que previa os acontecimentos futuros, constituindo essa previsão um dos seus maiores titulos de honra.

Michelet, que desde 1825 lhe estava ligado pela mais intima e profunda amizade, amizade que durou até á morte, tentou dissuadi-lo d'essa publicação. «Em nome do céo, dizia-lhe Michelet, adiae a publicação d'essa obra, que vae prejudicar-vos extraordinariamente.» Quinet respondia-lhe: «Agradeço-vos do fundo da minha alma o vosso interesse por mim. Mas a minha resolução está feita, e a minha convicção tambem. Apressae a publicação da obra.»

Michelet insiste ainda: «A vossa brochura é violenta e terrivel. Tirou-me o riso para dez annos! São como que as tres palavras do festim de Balthazar.» Quinet começa a irritar-se e a brochura é publicada enfim, sendo recebida com grande entusiasmo no campo republicano. Mal se imaginava, porém, então, que Sadova e Sédan lhe viriam dar razão, d'uma maneira tão solemne!

Quinet publica em seguida o *Ahasvéus*, que fez grande sensação. Seguiram-se muitas outras publicações, todas de grande valor, sobresahindo *Les Jesuites*.—*L'Ultramontanisme*. *Le Christianisme et la Révolution Française*. *Mes Vacances en Espagne*. *Prométhée—Les Esclaves*. *L'Enseignement du Peuple*. *La Révolution*. *La Révolution religieuse au XVII^e siècle*. *La République*. Etc.

A sua lucta no Collegio de França contra os reaccionarios, em 1843, lucta em que foi acompanhado por Michelet, é muito notavel. Os dois professores triumpharam dos seus adversarios, o que não impediu que o governo mandasse fechar os cursos.

«O jesuitismo só pede a liberdade para mandar matar a liberdade», exclamou então Quinet.

E' n'essa occasião que elle viaja por Hespanha e Portugal. A descripção que faz de Hespanha, n'uma das cartas a Michelet, é horrorosa. «O povo é carlista e absolutista. Os litteratos, os homens conhecidos, são doutrinarios e archi-conservadores. Não se sabe d'onde vem o vento que sopra sobre este paiz. As mulheres estão infinitamente abaixo do pretendido ideal de Murillo: os pintores caluniaráram-nas.»

Depois do golpe d'estado de Napoleão, Quinet toma o caminho do exilio e n'elle se conserva voluntariamente até á proclamação da Republica, em 1870. E' então que escreve algumas das paginas admiraveis do *Livre de l'Exilé*.

Quinet e Victor Hugo, ambos exilados, são os grandes escriptores que, sobre todos, animam e levantam o espirito publico francez, durante esse longo periodo de agonia moral que vae desde 2 de dezembro de 1852 até 4 de setembro de 1870.

Os diferentes grupos republicanos de Lisboa, reunidos na rua da Rosa n.º 105, approvam a proposta assignada pelo dr. Jacintho Nunes, para que o novo centro republicano se denominasse *Republicano Democratico* e não *Centro Democratico*, como pretendiam Consiglieri Pedroso e outros, 1876.

28 de março.—Sabe a barra do Porto uma expedição de 1:600 homens, commandados por Sá da Bandeira, desembarcando em Lagos, donde se dirigem sobre Setubal, junto da qual se deu a batalha do Alto do Viso, 1847.

29 de março.—Suicida-se Condorcet, 1794.

Nicolas Caritat, marquez de Condorcet, foi um dos mais brilhantes espiritos da grande Revolução. Philosopho eminente, mathematico de primeira grandeza, politico de grande cerebro, e de grande coração, o seu nome brilhará enquanto durar a humanidade.

Amigo intimo d'Alembert e de Voltaire, teve a ventura, que os outros não tiveram, de assistir á formidavel Revolução. Perdeu a vida n'ella, é certo. Mas, para aquelles gigantes, a vida não era nada perante a grandeza da ideia.

Condorcet fazia parte do grupo dos girondinos. «De todos os girondinos, diz Aulard na sua *Histoire Politique de la Révolution Française*, foi o maior aos olhos da posteridade.»

Condorcet foi dos ultimos a adherir aos girondinos. Durante muito tempo acompanhou a *Montanha*, e se encontrou a politica de Danton. Por fim separou-se da *Montanha* e passou para a *Gironda*. Então envolveu-se nas intrigas e odios apaixonados dos dois partidos. Deixou-se obcecar, como todos os outros, não obstante o seu alto espirito. Accusou abertamente os montanhezes de realistas.

Decretada a sua prisão, escondeuse em casa d'uma senhora da sua particular affeição, madame Vernet, que lhe foi dedicadissima, e d'ali escreveu a sua celebre carta á Convenção, onde, entre outras coisas, dizia: «Quando a *Convenção Nacional* não é livre, as suas leis não podem obrigar os cidadãos. Eu não me justifico. Não tenho necessidade d'isso, nem para a França, nem para a Europa. Só perguntarei porque se eliminam com tanto cuidado aquelles cuja illustração e nunca desmentido republicanismo seriam a mais forte garantia da opposição ao restabelecimento da monarchia. E' para lhes poupar o supplicio de ouvirem proclamar um rei?»

Não obstante toda a dedicação de madame Vernet, Condorcet, não querendo pôr em risco a existencia da sua amiga, deixou aquelle asylo, e conseguiu sahir de Paris. Vagueando solitario pelos campos foi reconhecido e ia a ser preso quando se envenenou.

Constitue-se a *Communa*, 1871.

No *Journal Officiel* de 30 de março lia-se:

«Communa de Paris

Cidadãos:

A vossa *Communa* está constituída. O voto de 26 de março sanccionou a Revolução victoriosa. Um poder covardemente aggressor vos afogava. Em legitima defeza, repellidos dos vossos muros esse governo que queria deshonrar-vos impondo-vos um rei. Hoje, os criminosos, que nem mesmo quizestes perseguir, abusam da vossa magnanimidade para organizar ás portas mesmo da cidade um foco de conspiração monarchica. Invocam a guerra civil; põem em jogo todas as corrupções; accitam todas as cumplicidades; chegaram a mendigar o auxilio do estrangeiro.

Appellamos d'esses manejos execraveis para o julgamento da França e de todo o mundo.

Cidadãos:

Acabeis de fundar instituições que desafiam todas as tentativas. Sois senhores dos vossos destinos. Forte com o vosso apoio, a representação que acabas de estabelecer vae reparar os desastres causados pelo poder decaído: a industria compromettida, o trabalho suspenso, as transacções commerciaes paralyzadas vão receber um impulso vigoroso.

Desde já, a decisão promettida sobre os arrendamentos; amanhã, sobre os vencimentos a praso; todos os serviços publicos restabelecidos e simplificados; a guarda nacional, unica força armada da cidade para o futuro, reorganizada sem demora.

Taes serão os nossos primeiros actos.

Programma

Relator o ex.^{mo} sr. Conde de Penha Garcia, bacharel formado em Direito, deputado da nação.

12.^a Estações zootecnicas ou estabelecimentos officiaes para o aperfeiçoamento das raças leiteiras.

Relator o ex.^{mo} sr. Antonio Maria dos Santos Viegas, medico veterinario, lente do Instituto de Agronomia e Veterinaria.

13.^a Escolas de leitaria e medidas de fomento para a industria da leitaria em Portugal.

Relator o ex.^{mo} sr. Abel Fontoura da Costa, agricultor, lente da Escola Naval, socio da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa.

14.^a Alterações e falsificações do leite, da manteiga e do queijo. Fiscalisação contra as fraudes.

Relator o ex.^{mo} sr. Adolfo Augusto Baptista Ramires, agronomo, chefe de serviço da Escola Nacional de Agricultura, socio da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal.

§ 2.º A segunda parte comprehenderá a discussão das theses:

1.^a Cultura da oliveira em Portugal; variedades de oliveiras cultivadas.

Relator o ex.^{mo} sr. Lanuel de Souza da Camara, agronomo, chefe de serviço no Instituto de Agronomia e Veterinaria, socio da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal e da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa.

2.^a Doenças da oliveira.

Relator o ex.^{mo} sr. José Verissimo de Almeida, professor no Instituto de Agronomia e Veterinaria, presidente da assembleia geral da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal.

3.^a Epoca da maturação e apanha de azeitona; escolha e lavagem do fructo.

Relator o ex.^{mo} sr. dr. Francisco Augusto de Oliveira Feijão, agricultor, lente da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, presidente da direcção da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa.

4.^a Conservação da azeitona; entulhamento e sua influencia na qualidade dos azeites comestiveis.

Relator o ex.^{mo} sr. Ramiro Larcher Marçal, agronomo, director dos serviços agrológicos, socio da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal e da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa.

5.^a Moenda da azeitona; material e processos de esmagamento da azeitona e sua influencia na qualidade dos azeites comestiveis.

Relator o ex.^{mo} sr. Manuel Tavares Veiga, agronomo e agricultor, socio da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal e da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa.

6.^a Prensas para azeite; material e processos de espremedura das massas de azeitona.

Relator o ex.^{mo} sr. Manuel Tavares Veiga.

7.^a Decantação, lavagem e filtração do azeite.

Relator o ex.^{mo} sr. Domingos Alberto Tavares da Silva, agronomo e chefe de serviço na Escola Nacional de Agricultura, socio da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal. (Conclue no proximo n.º)

INFORMAÇÕES LOCAES

As avencas em Espinho.— Volta novamente o escrivão de fazenda d'alli a alterar as avencas conforme quer e entende, não se importando levantar conflicto com o commercio local.

Pois faz muito mal com isso, porque são d'estas e d'outras que faz muitas vezes levar o povo á revolta.

Por tal motivo veio d'alli ante-hontem uma commissão que foi apresentada ao sr. delegado do thesouro pelo sr. presidente da camara de Aveiro, que prometteu entender-se com o sr. Jacintho Rebocho, que partirá para Espinho amanhã, a fim de harmonisar as avencas.

Consta-nos que este funcionario se irá esperar na estação de Espinho por uma commissão numerosa de negociantes, que lhe farão ver a justiça das suas reclamações.

Tuna academica.—No comboio das 10 horas da manhã de sabado ultimo, chegou a esta cidade a Tuna academica do Porto, composta de estudantes das diversas escolas.

Na gare da estação aguardavam-na os seus collegas d'aqui, com uma phylarmonica, que lhe fizeram uma entusiastica recepção.

Pelas ruas do trajecto até ao lyceu, onde foi recebida, repetiram-se as manifestações, sendo lançadas, d'algumas janellas, sobre os tunos, grande quantidade de flores.

A' noite deu um espectáculo no theatro Aveirense, que esteve bastante animado.

Companhia de cavallinhos.—Tem tido grande concorrência a companhia de cavallinhos que funciona no Campo do Rocio.

E' que realmente ella possui artistas de merecimento, não lhe regateando o publico os applausos constantes de que são merecedores.

A Banda do 24.—O programma que a banda de infantaria 24 executa hoje no Largo do Rocio, é o que se segue:

Marcha. *La Corte de Granada* (Chapi). *Adosinda*, mazurka (***) *Tannhauser*, selection da opera (Wagner). *Instantaneos* (Moraes). *Passe calle*.

Agradecimento.—A direcção da «Sociedade Recreio Artístico», grata pelos favores dispensados por occasião do 9.º anniversario da sua instalação, e não podendo agradecer pessoalmente a todas as pessoas que lhe prestaram o seu concurso para o bom exito da festa, agradece por isso e por este meio protestando o seu indelevel reconhecimento.

Uma lembrança.—Pede-nos um nosso amigo é assignante, para lembrarmos a quem compete, a necessidade de melhorar a iluminação do Largo Municipal, pois que ali, quando a escuridão é muita, quasi se tropeça nos bancos ou nas grades da estatura. Isto no local mais concorrido, central e aformosado da cidade.

Pela nossa parte tambem pedimos que tenham dó e compaixão do largo municipal.

Aquillo já teve luz, já...

Grave desordem.—Na feira de Cantanhede, uma malta de ciganos, d'estes que costumam andar de feira em feira, envolveram-se em desordem e desandando aos tiros e ás facadas, deram cabo de dois e feriram-se muitos outros.

Felizmente a questão foi lá com elles e não envolveu nenhum homem sério n'ella, mas não ha duvida que os patifes d'aquella raça não olham mesmo em espetar uma navalha a qualquer pacifico transeunte. Será bom pedir á policia que metta na cadeia esta gente quando encontrada com alfaias de corte.

Fallecimento.—Com idade já bastante avançada, falleceu na quarta-feira n'esta cidade, a mãe do nosso amigo sr. Caetano Christo, a quem enviamos sentidos pezames.

Repugnante.—Um homem ahí dos lados do Valle de Ilhavo, achando-se infeccionado por doença adquirida em lupanares, lembrou-se de a transmittir a uma creança de 8 annos de idade, da mesma localidade.

O malvado foi já preso e terá que responder, severamente, pelo repugnante crime que praticou e que tão proprio é de besta-féra.

Todo o rigor da justiça será pouco para malvados d'esta natureza.

Os eleitos do povo, para assegurarem o triumpho da Republica, só vos pedem que os apoieis com a vossa confiança.

E farão o seu dever.

Hotel-de-Ville, 29 de março de 1871.

A Communa de Paris.»

Dá-se no Porto a horrorosa desgraça da ponte sobre o Douro, 1809.

O malandro do bispo, um dos governadores do reino, e o malandro do brigadeiro Parreiras, governador militar do Porto, presentindo os francezes, safaram-se pela ponte, abrindo os alcapões, para maior segurança. D'ahi a grande desgraça, que Soriano descreve n'estes termos:

«Entre as sete e as oito horas da manhã do citado dia 29 a retirada era geral em toda a extensão da linha, e os fugitivos, recolhendo-se á cidade, eram perseguidos de perto pelos francezes, que desapiadadamente os matavam, vindo correndo sobre elles pelo sitio da Senhora da Lapa. Muitos houve dos nossos que fugiram para o lado da foz; mas outros, sendo estes talvez os do maior numero, dirigiram-se para a Ribeira, onde alguns d'elles, cheios de terror, se deitaram logo ao Douro para o atravessarem a nado; outros o conseguiram passar mettidos nos pequenos barcos que a sua boa fortuna lhes deparou, ao passo que o geral d'elles se dirigiu para a antiga ponte de barcos, que em breve se atulhou de uma immensa multidão, onde parte d'ella se estorvava e empurrava a outra, esmagando-se reciprocamente, pelo extraordinario aperto em que se collocaram uns individuos contra os outros, velhos creanças e mulheres. Immenso paizanismo de todas as idades, classes e profissões, quasi tudo a pé; militares em fuga, e tambem mulheres de todas as gerarchias e idades, assim como de todos os estados, tudo absolutamente se achava allí accumulado, ignorando que os primeiros que tinham passado a ponte lhes haviam levantado os alcapões, cuidando que por este modo embarçariam aos francezes o passarem-se para Villa Nova, onde tinham a louca esperanza de se fazerem fortes, elles que já não se tinham podido defender nas linhas e fortificações do Porto. Os vencedores, ganhando sem difficuldade as barricadas e cortaduras das ruas, e vindo sempre correndo sobre os fugitivos, atraz d'elles chegaram até á Ribeira, onde o espectáculo se lhes apresentou terrivel. As ondas do povo, que successivamente allí se tinham amontado, vendo a demora dos que se achavam na frente, e ignorando o fatal precipicio que os esperava a todos para os abysmos, forcjavam por lhes acelerar a fuga, impellido-os com a sua maxima força para deante d'onde resultava irem sendo inevitavelmente precipitados ao rio Douro todos os que a seu turno iam chegando ao tremendo alcapão, por lhes ser impossivel resistir ao impulso que detraz lhes vinha, como resultado de muitas forças parciais destinadas áquelle fim. Por este modo camadas e camadas de infelizes assim se foram sepultando nas aguas d'aquelle rio, e como se isto ainda não bastasse, dizem que a gradaria lateral dos barcos da ponte, que toda ella era de madeira, arrombando-se ou quebrando-se em partes, abria outros novos abysmos, que tambem lateralmente vomitaram immensa gente ás aguas do rio.»

30 de março.—São prohibidas em Portugal todas as sociedades secretas, 1818.

31 de março.—As côrtes declaram legitimos e necessarios os gloriosos feitos de 24 de agosto e 15 de setembro de 1820 e benemeritos da patria os auctores dos mesmos feitos, 1821.

1 de abril.—São expulsos da Hespanha os jesuitas, 1767. A Bolivia, constituida em republica, proclama-se independente, 1825.

2 de abril.—Morre Mirabeau, 1791.

Gabriel Honorato Riquetti, conde de Mirabeau, foi um homem verdadeiramente extraordinario. Depois de mil aventuras, em muitas das quaes enleou o seu nome, entrou na politica, sendo eleito deputado do povo, por Aix e Marselha, em 1789. Na Assembléa tomou a palavra em diferentes questões, fazendo

se sempre escutar com enthusiasmo. Mas a sua eloquencia só se tornou verdadeiramente notavel quando o rei, depois de ter visto as tres ordens deliberarem reunidas foi á assembléa declarar que era sua vontade que deliberassem separadas como o fariam até então. Apenas o rei saiu Mirabeau pronunciou um discurso conciso e energico aconselhando a assembléa a resistir. Desde então a voz de Mirabeau adquiriu um prestigio incomparavel e pôz-se á frente do movimento liberal. Quando viu porém, a realeza seriamente ameaçada quiz retrogradar e esse periodo, que vai até á sua morte, é verdadeiramente vergonhoso. Quando em 1794 a republica descobriu as provas das suas relações com a corte, e, portanto da sua traição mandou tirar os seus restos do Pantheon e sepultar-os, sem indicio algum, no cemiterio de Clamart, onde se perderam para sempre.

OS PHOSPHOROS

De ha muito que não nos temos occupado d'este assumpto, de bastante interesse publico, e vemos que a Companhia quando a gente se esquece d'ella, tambem por sua parte se esquece de fornecer aquillo que tão caro lhe pagamos, e pelo que auferem bem bons lucros, a julgar pelo devidendo que nos mostram um dia d'estes.

Pois nós ainda por aqui estamos, e no mesmo posto. Não podemos tolerar, por fórma nenhuma, que nos continuem a impingir os phosphoros com um fabrico tão pessimo.

Parece proposito. Queixavamo-nos nós que nos vendiam phosphoros sem cabeça e a Companhia accudiu sollicita, ordenando que fabricassem phosphoros com duas cabeças.

E' o que por ahí vemos. Phosphoros ligados aos pares e aos 3, inutilizando-se quasi sempre 1 e ás vezes 2 dos que desligamos, os restantes, em numero de 10 a 15 não encontram lixa na caixa onde possam ser accesos.

Pouco cuidado, mau fabrico e muito interesse para a Companhia phosphoreira.

Voltaremos ao assumpto.

O PADRE CHIÇA

Sr. redactor.

No papel que ahí se publica com o nome de «Vitalidade» sahiu em 18 do corrente, sob o titulo *Como ellas se armam*, uma local em que se dizia que d'uma carta do ex-governador civil d'este districto se deprehendia que a suspensão da conferencia democratica do sr. Antonio Luiz Gomes, no theatro, em junho proximo passado (sic) fôra feita de combinação com alguns republicanos. Acrescentava o pasquim que a carta estava á disposição do publico.

Em vista d'isso dirigi ao papelucho a carta que se segue:

Para que a ninguem possa suscitár duvidas sobre a veracidade das noticias que o seu jornal costuma a publicar semanalmente, venho rogar-lhe a fizeza de, no proximo n.º, esclarecer o seguinte, com respeito á local publicada hontem com o titulo *Como ellas se armam!*

1.º—Se viu a carta a que se refere e se garante a sua authenticidade.

2.º—Se pôde dizer, d'uma maneira precisa e cathorica, quem foi o individuo ou individuos filiados no partido republicano que combinaram com o sr. Carlos d'Almeida Braga, então governador civil d'este districto, a suspensão da conferencia do sr. dr. Antonio Luiz Gomes, no Theatro Aveirense, em a noite de 7 de agosto do anno findo.

3.º—Finalmente, se pôde tambem dizer o nome da pessoa a quem foi dirigida a carta em questão, e a data do dia em que foi escripta.

Sem outro assumpto, agradece desde já todos os seus esclarecimentos o que se subscrive

Aveiro, 19—3—905.

Arnaldo Ribeiro.

Como se vê, citámos a «Vitalidade» a que se explicasse. E fizemo-lo urbanamente, dentro das normas da cortezia e da delicadeza. Não nos respondeu. Remetteu-se ao silencio mais completo, mais absoluto.

Percebemos. A «Vitalidade», ou antes, o seu habitual rabiscador *padre chiça*, que por bem conhecido se não confronta, não quiz descer da sua dignidade pessoal dando-nos importancia. Está no seu plenissimo direito.

Mas a nós assiste-nos o dever de o desmascarar, apresentando-o tal qual é: um refinadissimo trapalhão, embusteiro dos de peor especie, typo abjecto da desfaçatez e do impudor.

Padre chiça, para nós, ha muito que estava definido. Só lamentamos, hoje, o ter-lhe apertado a mão algumas vezes, quando ainda o não conheciamos bem.

Isso não importa. Temos apertado a mão a muito malandro sem o sabermos. Ninguem está livre d'isso.

No caso em questão, porém, *padre chiça* não se revela apenas o malandro vulgar que a cada passo se encontra. Não. *Padre chiça* sendo hypocrita e mau por indole, ha de levar mais longe, como realmente tem levado, a sua torpeza e a sua indignidade.

Nunca vimos quem, com tanto cynismo, maneje a calunnia, a injuria e a intriga, inventando, deturpando, diffamando. Nunca vimos. Só um *cara de pau*, um salafrio coroadado como o *padre chiça* pôde reunir em si esse dom, que lhe fica em harmonia perfeita com as qualidades de caracter que, tambem, o distinguem.

O seu procedimento de agora causaria extranheza se ainda não fossem conhecidos os processos de que se serve para rebaixar aquelles que o votam, como a um cão vadio, ao mais completo desprezo.

Por terra a mascara!

Nunca nos escondemos de dizer alto o que pensamos e o que sentimos. E o que pensamos do *padre chiça* é que elle não passa d'um reles trapaceiro, tratante por convicção e mais alguma coisa, como muito bem o demonstrou no caso do infeliz Manuel Barbosa, que é do dominio publico.

Um sugeito com tão bons predicados, que lhe dão fóros de *cavalleiro*, não admira, pois, que lance mão dos mais baixos e vis processos para satisfazer o seu bestunto avariado.

Para traz, poltrão!

Pôdes continuar a mentir á vontade, que estamos certo que ninguem, que se prese, te ligará o credito a que nunca tiveste direito.

E com isto te lançaremos á margem.

Aveiro, 27—3—905.

Arnaldo Ribeiro.

Aos nossos assignantes

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que estamos procedendo á cobrança das assignaturas, esperando dever-lhes o favor de pagarem o recibo logo que lhes fór apresentado, para nos pouparem demoras e prejuizos na cobrança, sempre prejudiciaes ás empresas jornalisticas.

O «Povo de Aveiro» só poderá continuar a sua obra de evangelisação de principios e defeza da verdade com o auxilio dos seus assignantes, pois todos comprehenderão as difficuldades que encontrará pela frente um periodico que ousa, como este, erguer a cabeça, n'um meio tão corrompido como o nosso, para dizer sómente o que se lhe afigura de justiça, sem se prender com preconceitos, nem com interesses de grupos ou individuos.

Não procuramos tirar da publicação do «Povo de Aveiro» proventos nenhuns, como nunca tirámos. Procuramos só mante-lo com independencia e altivez honesta.

Aquelles dos nossos assignantes, que residem em terra onde o correio não faz cobrança, pedimos o favor de nos enviarem sem demora a importancia das suas assignaturas em vale do correio.

Quereis subir todas as rampas sem vos fatigardes? Comprea a bicyclete

A "OSMOND,"

José Maria Soares

medico e cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica do Porto

CLINICA GERAL

Consultas todos os dias das 10 h. em diante

Citadas a qualquer hora E. dos Mercadores — AVEIRO

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura—16.^a ed., cart. 300 réis, broch. 200
Album, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 5,5000
Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 6,5000
Segunda parte—Os Deveres dos Filhos—16.^a ed., cart., 300 réis, broch. 200
Gua práctico e theórico da Cartilha Maternal—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos..... 160

ESCRIPTA

Arte de Escripta—(2.^a ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada. 30

Livros de polémica sobre o Método

A Cartilha Maternal e o Apostolado..... 500
A Cartilha Maternal e a Crítica..... 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

Campo de Flores—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed. 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requisitarem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções designaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 collecções de Quadros Parietaes, ou de Albuns, 20 por cento; 10 collecções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripta.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

A VEIRO

RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

EM TODA A PARTE OS Armazens

Grandella

o mesmo do que

Uma succursal em cada terra da provincia!

Não precisa mandar dinheiro adiantado

Requisitar apenas catalogos ou amostras aos nossos armazens.

Fazer a escolha e pedido e pagar no correio á recepção da encomenda.

Faça-se um pedido a titulo d'experiencia

Grandella & C.^a
LISBOA

PDARI FERREIR & MACEDO AOS ARCOS A VEIRO

NESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.^a qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.^a, a 480; chá, desde 15600 a 38600 o kilo; massas alimenticias de 1.^a qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.^a, a 120; velas marca *Sol*, cada pacote, a 180; ditas marca *Navio*, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

José Monteiro Telles dos Santos J.



DENTISTA MECANICO

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falte qualquer dente; obtura a ouro, prata, platina, e a cemento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito.
RUA DA COSTEIRA
(Em frente da Estátua de JOSE ESTEVAM)

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 réis o masso.

R. da Boa Vista, 3 — Lisboa

EMPRESA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos

AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUILTYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

NESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO